

Danny, a fuga de uma rua da cis-heteronormatividade em *Doom Patrol*

Ethan Alexander de Senna¹

Fernando Luís de Moraes²

Resumo: Este estudo aborda a problemática da proscrição do sujeito *queer*, especialmente dos corpos transgêneros, em uma sociedade cis-heteropatriarcal e trans-homofóbica. A narrativa da rua fictícia Danny, presente nos capítulos 35 e 36 dos quadrinhos *Doom Patrol* (DC, 1990), de Grant Morrison, e no episódio 8 do seriado homônimo (2019), dirigido por Dermott Downs, é tomada como ponto de partida para a investigação de uma metáfora social dessa realidade. Danny é retratada como um espaço vivo e consciente, um refúgio para aqueles que desafiam a cis-heteronormatividade, enfrentando perseguição movida pelo Departamento da Normalidade, que busca eliminar qualquer desvio do padrão estabelecido. Realiza-se uma análise comparativa entre os quadrinhos e a adaptação televisiva, observando sua relevância social com base em autoras como Louro (2004) e Butler (2004, 2024). A fundamentação teórica ilumina questões como alienação, pânico moral, binarismo de gênero e desumanização do sujeito.

Palavras-chave: Cis-heteronormatividade. *Doom Patrol*. *Queer*. Rua Danny. Transgênero.

Abstract: This study examines the marginalization of queer subjects—particularly transgender individuals—within a cis-heteropatriarchal and transphobic society. Taking as its point of departure the narrative of Danny the Street, as portrayed in chapters 35 and 36 of Grant Morrison’s *Doom Patrol* comics (DC, 1990) and in episode 8 of the 2019 television adaptation directed by Dermott Downs, the research investigates a powerful social metaphor. Danny is depicted as a sentient, self-aware refuge for those who defy cis-heteronormative standards, relentlessly pursued by the Bureau of Normalcy, an institution dedicated to eradicating what it defines as deviation from social norms. This comparative analysis of the comics and the television series

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) – Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO) Guarapuava/PR, Brasil. E-mail: sennaethan45@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-7232-482X>.

² Prof. Dr. do Departamento de Letras, DELET – Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO) Guarapuava/PR, Brasil. E-mail: dmorays_2@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4123-7824>.

highlights their social resonance, informed by theoretical contributions from scholars such as Louro (2004) and Butler (2004, 2024). The theoretical framework sheds light on key issues such as alienation, moral panic, gender binarism, and the dehumanization of queer identities.

Keywords: Cis-heteronormativity. Danny the Street. *Doom Patrol*. Queer. Transgender.

Introdução

Vivemos em uma sociedade que toma o padrão cis-heteronormativo como matriz regulatória da existência, produzindo fronteiras rígidas entre o que pode viver e o que deve ser silenciado ou eliminado. Corpos e subjetividades que escapam às normas passam a integrar um território de abjeção e são marcados como ameaça à ordem social vigente. Nesse cenário, a marginalização dos sujeitos *queer* — especialmente daqueles cujas identidades de gênero transgridem a imposição cisgênera — revela a face mais violenta de um projeto de normalização atuante na domesticação e higienização da diferença.

É nesse terreno que se inscreve Danny, a Rua: personagem viva, consciente e transgênera que emerge em *Doom Patrol* (*Patrulha do Destino*) como metáfora de resistência. Ao assumir o corpo urbano como espaço de dissidência, Danny abriga aqueles que foram rejeitados e expulsos do convívio social. Nesse refúgio, seus moradores, os *Dannyzens*, encontram um modo de existir que desafia o regime de vidas inteligíveis ditado pela cis-heteronormatividade. Tal potência simbólica ganha ainda mais relevo quando se considera o atual recrudescimento de discursos antigênero e políticas de controle sobre corpos dissidentes, que reforçam a urgência de narrativas capazes de tensionar o imaginário social.

Do outro lado da fronteira simbólica está o Departamento da Normalidade, personificação de um conservadorismo moral que busca erradicar tudo aquilo que tensiona suas verdades imutáveis. Darren Jones,

homem branco, cis-heterossexual e comprometido com a preservação da ordem, atua como agente da violência instituída ao empenhar-se em destruir Danny e qualquer manifestação que evidencie a falácia da normalidade que pretende sustentar.

Antes de adentrar a análise das obras, cabe esclarecer os conceitos orientadores desta discussão. O termo “*queer*”, conforme Louro (2004), nomeia o corpo estranho e perturbador que recusa a tutela do centro e abraça o desconforto da divergência. “Cisgênero” descreve aqueles cuja identidade de gênero está alinhada ao sexo designado no nascimento, enquanto “corpo transgênero” caracteriza a recusa dessa correspondência compulsória. A “cis-heteronormatividade” opera como tecnologia política que constrói binarismos, hierarquias e exclusões, convertendo pluralidades da experiência humana em desvio. Como discute Butler (2024), o ataque às identidades dissidentes constitui estratégia de manutenção da hegemonia patriarcal, sustentada pelo pânico moral e pela fabricação de inimigos internos.

Este artigo propõe uma análise comparativa dos capítulos 35 e 36 dos quadrinhos *Doom Patrol* e do episódio 8 de sua adaptação televisiva, examinando como os confrontos estéticos, políticos e afetivos entre Danny e o Departamento da Normalidade configuram uma crítica ao sistema que desumaniza e extermina sujeitos considerados indesejáveis. Busca-se evidenciar as potências de resistência que emergem quando vidas vulnerabilizadas se congregam e afirmam o direito de existir, amar e ocupar o espaço público em sua plenitude insurgente. A leitura paralela entre quadrinhos e televisão, além de reconhecer as especificidades de cada linguagem, permite compreender como a ficção super-heroica funciona como espaço privilegiado para disputa de sentidos sobre o que pode e deve ser reconhecido como humano.

Personagens centrais e suas funções na narrativa

A complexidade simbólica de *Doom Patrol* manifesta-se de maneira contundente na construção de suas personagens, que atuam como vetores de sentidos políticos e afetivos fundamentais para o desenvolvimento da obra. No centro da narrativa está Danny, a Rua, uma entidade viva que rompe com a materialidade convencional do espaço urbano para assumir o papel de sujeito pulsante e dissidente. Danny não apenas abriga, mas encarna a experiência

queer: seu corpo-cidade transforma-se em território de afirmação para aqueles que a sociedade insiste em relegar ao silêncio. A rua fala, desloca-se, protege e reinventa-se, tornando-se metáfora de um corpo que se recusa a ser disciplinado pelos limites impostos pela cis-heteronormatividade.

Em oposição a essa potência de liberdade ergue-se o Departamento da Normalidade, aparato estatal dedicado à contenção da diferença. Seu agente mais emblemático, Darren Jones, representa a face brutal de um conservadorismo que se traveste de defesa da ordem para justificar práticas de expulsão e apagamento. A violência que dirige contra Danny e seus habitantes evidencia como o “normal” opera como projeto político e instrumento coercitivo de poder, empenhado em erradicar existências que desestabilizam seus parâmetros rígidos.

O embate entre esses polos adquire densidade plena por meio da presença de figuras que transitam entre a dor e o desejo de pertencimento. Maura Lee Karupt, anteriormente Morris Wilson, revela em sua transformação *drag* um gesto radical de insurgência: ao abandonar a estrutura que a oprimia, reivindica sua identidade como condição para existir e resistir. Sua trajetória torna palpável a possibilidade de reconfiguração subjetiva e de construção de uma comunidade fundada no acolhimento.

Integrantes da Patrulha do Destino — Crazy Jane, Rebis, Homem-Robô, Larry Trainor e Victor Stone — compartilham o destino da abjeção. Cada qual, a seu modo, tem o corpo marcado por algum tipo de ruptura com o regime do “humano ideal”: Jane, pelas múltiplas personalidades; Rebis, pela intersexualidade; Cliff Steele e Victor Stone, pela tecnocorporeidade; Larry, pela homofobia introjetada e pelos experimentos que sofreu. São sujeitos que carregam feridas deixadas por um mundo que não os reconhece, mas que encontram em Danny um horizonte de possibilidade, onde a vulnerabilidade coletiva se converte em força solidária e potência política.

Por fim, figuras como Niles Caulder e Sara desempenham papéis de mediação narrativa: Caulder funciona como elo entre Danny e a equipe da Patrulha, enquanto Sara, especialmente na versão em quadrinhos, apresenta-se como porta de entrada do leitor para o cotidiano vibrante desse espaço-refúgio. Suas presenças ajudam a cartografar as dinâmicas afetivas que estruturam a comunidade de Danny e revelam uma lógica de cuidado mútuo que se contrapõe frontalmente às políticas de exclusão operadas pelo Departamento da Normalidade.

Dessa forma, a disputa entre o “normal” e o “anormal” ultrapassa o estatuto de mero conflito ficcional, traduzindo-se diretamente na luta entre um projeto de apagamento e um projeto de vida. A caracterização das personagens, portanto, não é acessória; ela estrutura a crítica social da obra, articulando o conflito que impulsiona tanto a HQ quanto a adaptação televisiva — discussão que será aprofundada nas seções seguintes.

Desafiando o normal: a violência cis-heteronormativa e a resistência transgênero

Na sociedade contemporânea, o padrão cis-heteronormativo não apenas impõe uma estrutura de normalidade, mas também estabelece uma hierarquia que relega aqueles que não se encaixam nesse parâmetro à margem social. Essa marginalização se manifesta de maneiras insidiosas, como a desumanização e a violência. Conforme Butler (2004), a violência tanto submete seus alvos à vontade arbitrária de outros quanto coloca suas vidas em perigo iminente:

A violência é certamente uma mancha terrível, uma maneira de expor, de forma aterrorizante, a vulnerabilidade primária humana a outros seres humanos. É uma forma pela qual somos entregues, sem controle, à vontade de outro, um modo em que a própria vida pode ser expurgada pela ação intencional do outro. (Butler, 2004, p. 49).

Essa vulnerabilidade é ainda mais agravada pela falta de proteção e reconhecimento social, deixando os indivíduos *queer* expostos à brutalidade de um sistema que os considera intrinsecamente menos dignos de respeito e consideração.

Ao voltar o olhar para o corpo transgênero, depara-se com uma realidade marcada por tentativas implacáveis de higienização e homogeneização, resultando em uma escalada alarmante de violência. Estatísticas recentes, provenientes de pesquisas de 2021,³ evidenciam que o epicentro desses atos hediondos está localizado na América Latina, com o Brasil registrando 33% desses assassinatos. Esses dados reforçam a urgência de enfrentar a violência sistemática contra pessoas trans e de implementar políticas

³ Cf. Pinheiro (2022).

e ações efetivas que garantam segurança e dignidade a todos os indivíduos, independentemente de sua identidade de gênero.

Diante desse cenário estarrecedor, adentra-se a Rua Danny, elemento central da narrativa dos quadrinhos *Doom Patrol*, concebidos por Grant Morrison e publicados pela DC em 1990. Especificamente nos capítulos 35 e 36, assim como no episódio 8 do seriado homônimo, de 2019, somos imersos em um ambiente singularmente vivo, transgênero e consciente. Danny surge como refúgio para aqueles proscritos ao limbo social, oferecendo abrigo aos que desafiam os estreitos limites dos “regimes do normal” (Warner, 1993, p.xxvi). No entanto, essa comunidade insurgente enfrenta feroz perseguição pelo Departamento da Normalidade — um grupo de indivíduos brancos, cisgêneros e heterossexuais, liderados por Darren Jones — que busca aniquilá-la e suprimir todos os que ousam desafiar a rigidez de suas normas instituídas.

Esta pesquisa objetiva realizar uma análise comparativa entre os quadrinhos originais e a adaptação televisiva, investigando a construção das personagens Danny, Darren Jones e seus seguidores, e explorando suas funções como metáforas do paradigma opressor/oprimido. O foco recai sobre os dispositivos cis-heteronormativos que contribuem para a marginalização e violência contra os corpos trans, bem como sobre as estratégias de resistência de Danny e seus habitantes diante dessa opressão. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico e análise qualitativa, fundamentada nos estudos de gênero. O arcabouço teórico engloba textos como *Um corpo estranho: ensaio sobre sexualidade e teoria queer* (2004), de Guacira Lopes Louro, além de obras de Judith Butler, notadamente *Quem tem medo do gênero?* (2024) — que aborda o pânico moral provocado por movimentos fascistas antigênero — e *Vida precária: os poderes do luto e da violência* (2004), em que Butler explora os processos de humanização e desumanização do sujeito.

Torna-se imperativo destacar a crescente perpetuação dessa lógica violenta, que assola nossa realidade ao oprimir e negar direitos fundamentais de existência a corpos vitimizados e vilanizados por se desviarem do padrão imposto por um grupo privilegiado. Conforme destaca o sociólogo Richard Miskolci (2017), tal ofensiva tem raízes no conservadorismo moral e religioso que se infiltra em esferas políticas, jurídicas e midiáticas para disseminar discursos alarmistas sobre um suposto “perigo social” decorrente de uma “ideologia” artificialmente fabricada — estratégia orientada a instigar medo e aversão.

Espera-se que este estudo não apenas amplie a visibilidade e fortaleça a voz das comunidades trans e travestis — evidenciando um problema profundamente arraigado em nosso cotidiano — mas também sirva como referência para aqueles que buscam aprofundar a compreensão de uma questão tão urgente quanto complexa.

Confrontos na Rua Danny: as tramas de *Doom Patrol*

Nesta seção, apresentam-se os enredos dos capítulos 35 e 36 dos quadrinhos *Doom Patrol*, bem como do episódio 8 da adaptação televisiva. A compreensão desses eventos narrativos possibilita estabelecer conexões entre as duas mídias e, assim, realizar análises mais aprofundadas acerca das temáticas exploradas, evidenciando suas inter-relações estéticas, políticas e afetivas.

O capítulo 35 inicia-se com a aparição de Danny para Sara, uma figura de seu passado. O cenário vibrante que acolhe esse reencontro é rapidamente delineado, oferecendo um vislumbre do cotidiano peculiar da Rua Danny. Na sequência, a narrativa desloca-se para Darren Jones, que, ao chegar em casa, explode em fúria contra a esposa após ela lhe servir um prato ao qual seu chefe é alérgico. A cena revela o caráter abusivo e autoritário da personagem, elevando a tensão do enredo. Após o episódio doméstico, Darren desce ao escritório para se reunir com os homens de N.O.W.H.E.R.E., organização secreta que lidera. Durante o encontro, reafirma sua missão: erradicar tudo o que considerar peculiar ou distante das normas estabelecidas. A Rua Danny torna-se, então, o próximo alvo da investida. O capítulo culmina em uma cena de agravamento dramático no Perpétuo Cabaré, onde uma performance de *drag queens* é violentamente interrompida pela invasão dos agentes de N.O.W.H.E.R.E., criando um clímax potente e sombrio que contrasta com o espírito irreverente e livre da rua.

O capítulo 36, por sua vez, começa com a chegada de Crazy Jane, Homem-Robô e Rebis — membros da Patrulha do Destino — ao local do embate. Eles encontram Danny em situação crítica, sob ataque direto das forças opressoras. A gravidade do momento leva as personagens a se aliarem a Sara e aos moradores locais, formando uma frente coletiva de resistência. Em um ato de engenhosidade e coragem, Danny utiliza suas habilidades para se deslocar até a casa de Darren, atraindo-o para uma armadilha cuidadosamente

elaborada. Os moradores articulam um plano inusitado: transformam Darren em uma *drag queen* extravagante. Atônito diante da própria imagem, ele é enviado de volta para casa sem conseguir justificar o ocorrido, resultando em sua derrota simbólica e em uma vitória estratégica para Danny e a Patrulha.

Já no episódio 8 do seriado, a narrativa inicia-se com um *flashback* que apresenta Darren Jones e Morris Wilson, agentes do Departamento da Normalidade. A cena revela a infiltração de Morris em Danny e sua subsequente desapareição, conectando seu passado ao presente da trama. Na atualidade, Larry Trainor (Homem Negativo) e Victor Stone (Ciborgue) encontram um bolo com uma mensagem endereçada a Niles Caulder — o Chefe —, que está desaparecido. Em busca de pistas sobre seu paradeiro, seguem a indicação e descobrem que Danny está camuflada, fugindo da perseguição estatal. Já no interior da rua, Victor e Larry conhecem Maura Lee Karupt — antes Morris Wilson —, agora transformada e acolhida pela comunidade. Determinada a proteger Danny e os *Dannyzens*, Maura lidera uma ofensiva contra Darren Jones, contando com o apoio da Patrulha do Destino na defesa da rua como espaço de vida, dissidência e acolhimento.

Danny: uma metáfora viva das possibilidades *queer*

Antes de iniciar a análise, é essencial compreender o sujeito *queer* e como as dinâmicas sociais atuais permitem pensar a Rua Danny e o Departamento da Normalidade como metáforas da opressão de gênero e do silenciamento LGBTQIAP+. Guacira Lopes Louro define *queer* como

[...] estranho, raro, esquisito. *Queer* é, também, o sujeito da sexualidade desviante [...]. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. *Queer* é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto e ambiguidade, do “entre lugares”, do indecível. *Queer* é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina. (Louro, 2004, p. 7-8).

Segundo Louro, o corpo *queer* não apenas rompe com as imposições da heteronormatividade e da cisgeneridade, mas também desafia as normas sociais que regulam os corpos, tornando-se alvo de controle e temor por parte das

estruturas conservadoras. Esse controle se manifesta sobretudo no âmbito religioso, no qual o conceito de “gênero” é transformado em algo a ser demonizado, temido e censurado. A demonização opera como estratégia política e moral destinada a consolidar poder, mobilizando discursos de defesa da “família tradicional” e das referências patriarcais e maternais no imaginário conservador.

Judith Butler (2024) ressalta que o termo “gênero” passou a ser encarado como ameaça não apenas à estrutura familiar, mas ao próprio fundamento da sociedade. Para tais grupos, o gênero é compreendido como uma “ameaça diabólica” que confronta bases supostamente “naturais”, as quais, na realidade, são construções históricas orientadas a assegurar a continuidade da hegemonia cis-heteronormativa. Trata-se, assim, de um mecanismo que, sob o pretexto do medo à diferença, reprime politicamente qualquer reorganização social que permita a pluralidade identitária.

Nesse contexto, Danny, a Rua, emerge como metáfora das possibilidades de existência *queer*: uma rua viva, capaz de forjar sua própria identidade e mover-se livremente pelo mundo, rompendo com convenções que limitam a compreensão de um espaço urbano “comum”. Tal representação remete à perspectiva de Butler sobre a construção do gênero, que excede a simples designação de sexo: como defende a autora, a “[...] atribuição do sexo não é simplesmente o anúncio do sexo percebido em um bebê, mas também a comunicação de um conjunto de desejos e expectativas adultas.” (Butler, 2024, p. 34). Logo, quando tais expectativas são frustradas, a repulsa se manifesta — é o que ocorre com Darren, que busca destruir Danny por sua existência transgressora. No capítulo 35, por exemplo, ele afirma: “E como se isso não fosse peculiar o suficiente, toda a rua está repleta de lojas para machos, certo? Mas Danny as enfeitou todas com luzes de fada e cortinas de renda. Senhores, esta rua é uma travesti sem vergonha.” (Morrison, 1990, n. 35, p. 18, tradução nossa⁴). A fala de Darren expressa intolerância aberta: Danny é enquadrada como “travesti sem vergonha” por seu ornamento extravagante e dissidente. O ódio deriva da quebra das normas — desejo que, como aponta Butler (2024, p. 40), nasce da crença reacionária de que forças “destruidoras” estão atacando o próprio mundo social desses sujeitos.

⁴ “And as if that isn’t peculiar enough the whole street is lined with good macho stores, okay? Except that Danny has them all dressed up in fairy lights and lace curtains. Gentlemen, this street is a shameless transvestite.” (Morrison, 1990, n. 35, p. 18).

No seriado, a mesma retórica se evidencia nos discursos carregados de ódio, que descrevem Danny e seus moradores como uma “doença” que deve ser erradicada. O conservadorismo instrumentaliza a noção de “gênero”, transformando-a em justificativa para a supressão de direitos fundamentais. À medida que o pânico moral se intensifica, o Estado sente-se autorizado a negar não apenas direitos, mas o próprio direito de existir de pessoas consideradas como ameaça ao *status quo* (Butler, 2024).

Miskolci (2017, p. 743) pontua que tal ofensiva busca “[...] delimitar o Estado como espaço masculino e heterossexual, portanto refratário às demandas de emancipação feminina e de expansão de direitos e cidadania àqueles e àquelas que consideram ameaçar sua concepção de mundo tradicional.” Nessa chave, Danny adquire força simbólica: seus habitantes, os *Dannyzens*, representam aqueles cujos direitos são negados e que são forçados à marginalização. Essa dinâmica é evidenciada no capítulo 35, quando um morador embriagado narra seu encontro com Danny: “Eu estava com frio e doente. Então, tropecei nesta pequena rua [...] cheia de luzes e pessoas cantando. [...] Não é um paraíso?” (Morrison, 1990, n. 35, p. 8, tradução nossa⁵). Danny, portanto, acolhe os silenciados e produz um ambiente seguro onde todos podem existir. Tal dimensão é igualmente reforçada no seriado, quando Maura relata seu primeiro contato com Danny:

Eu deveria odiar este lugar. Trabalhando para o Departamento, você é condicionado a odiar qualquer coisa fora do normal. Mas eu não conseguia. Havia algo em Danny que parecia certo. Eu me sentia em casa. Era como se um peso tivesse sido tirado de mim. (Downs, 2019, tradução nossa⁶).

Como evidencia o depoimento de Maura, a rua gera pertencimento e libertação — e, justamente por isso, torna-se alvo a ser destruído.

Essa hostilidade contra corpos/espacos “desajustados” reflete também rejeição ao pensamento crítico. Butler (2024) observa que os conservadores acreditam que a simples exposição a uma ideia levaria à doutrinação — o que justifica esforços para impedir que certas ideias sequer circulem:

⁵ “I was cold and I was sick. And then I stumbles across this little street [...] All lights and people singing. [...] Isn’t it paradise?” (Morrison, 1990, n. 35, p. 8).

⁶ I was supposed to hate this place. Working for the Bureau, you’re supposed to hate anything abnormal. But I couldn’t. Something about Danny felt right. I felt like home. A wight had been lifted off me. (Downs, 2019).

A ideia de que ser exposto a uma ideia é suficiente para ser doutrinado por ela pressupõe uma passagem rápida e imperceptível do pensamento à convicção, suplantando qualquer julgamento ou avaliação. [...] De acordo com os pais, escolas e legislaturas que tentam impedir que algumas ideias sequer sejam pensadas, as únicas ideias que devem ser aceitas como verdadeiras, de forma acrítica, são as que eles apoiam. (Butler, 2024, p. 104).

Aplicando essa chave de leitura ao seriado, Darren interpreta a transformação de Morris Wilson em Maura Lee Karupt como indício de “contaminação”. Entretanto, Maura corrige: “Danny não fez nada, a não ser me ajudar a perceber quem sou.” (Downs, 2019, tradução nossa⁷). A luta por direitos — como argumenta Butler (2019) — é também luta pelo reconhecimento dos corpos na esfera pública:

Embora lutamos por direitos sobre os nossos próprios corpos, os próprios corpos pelos quais lutamos não são apenas nossos. O corpo tem sua dimensão invariavelmente pública. Constituído como um fenômeno social na esfera pública, meu corpo não é meu. (Butler, 2019, p. 46).

Assim, a batalha pela sobrevivência de Danny é também batalha pelo direito coletivo à existência *queer*.

No ponto alto do episódio 8, a performance de *People Like Us*, de Kelly Clarkson (2013), entoada por Larry e Maura, simboliza resistência, solidariedade e orgulho diante da violência que tenta apagá-los. Danny, a Rua, torna-se, assim, emblema da luta por aceitação, onde os indesejáveis se reconhecem como comunidade e reivindicam o direito de ser — apesar do mundo que insiste em negá-los.

O papel das personagens: antagonismo, resistência e subversão

O papel das personagens na trama é crucial para a construção das temáticas centrais tanto nos quadrinhos *Doom Patrol* quanto na série televisiva. Ao comparar as duas versões, identificam-se representações distintas de Danny, a personagem *queer*. Na narrativa de 1990, sua identidade dissidente se dá

⁷ “Danny didn’t do anything, except help me realize who I am.” (Downs, 2019).

sobretudo pelo subtexto e pela inferência do leitor; já na adaptação televisiva, Danny afirma explicitamente sua identidade de gênero, incluindo seus pronomes, o que evidencia um avanço significativo na representatividade *queer*. Em suas diversas aparições — como rua, beco, tijolo, van ou até mesmo planeta —, Danny assume formas fluidas, simbolizando um corpo em constante transmutação. Dessa forma, torna-se mais do que abrigo: torna-se o corpo que encarna aqueles cujos direitos foram negados, figurando como um paraíso utópico e a plena possibilidade de liberdade.

No que concerne às identidades trans, Judith Butler (2024, p. 50) observa que:

A identidade trans é considerada uma escolha, uma expressão excêntrica ou excessiva de liberdade pessoal, e não uma verdade individual e uma realidade social dignas de reconhecimento público. Muitas vezes, a redução da identidade de gênero a uma escolha pessoal é seguida pela afirmação de que a criação de identidades de gênero está tomando o lugar da criatividade divina.

O argumento de Butler evidencia a tendência de deslegitimar identidades trans, reduzindo-as a caprichos individuais, ao invés de reconhecê-las como realidades sociais concretas. Essa resistência à pluralidade de expressões de gênero está claramente representada na postura do Departamento da Normalidade e de seu líder, Darren Jones, que trabalham para manter uma estrutura social rígida e imutável.

Nos quadrinhos e no seriado, Darren Jones encarna o típico homem branco cis-heterossexual que se vê como defensor da moralidade e da “normalidade” americana. Sua primeira aparição no capítulo 35 evidencia sua brutalidade: ele cega a esposa com um garfo após um pequeno desacordo, revelando o quanto sua noção de normalidade é sustentada pela violência. À frente dos agentes da N.O.W.H.E.R.E., conduz uma cruzada contra qualquer elemento que julgue anormal, projetando suas próprias inseguranças na figura *queer* de Danny. Essa projeção é coerente com o que aponta Butler (2024), ao afirmar que a diferença é frequentemente construída como bode expiatório para justificar ações opressoras. No capítulo 36, por exemplo, quando sua esposa sugere que talvez os vizinhos também os considerem peculiares, percebe-se que a ameaça do “estranho” é, para Darren, inaceitável. A série reforça esse mecanismo de projeção ao retratar Darren em posição autoritária, manifestando

desprezo e preconceito contra Danny e seus moradores — simbolizando o poder estatal de definir quem merece existir.

A presença de Maura Lee Karupt, anteriormente agente Morris, personifica um arco de transformação e subversão. Antes agente do próprio Departamento, ao conhecer Danny, descobre sua verdadeira identidade e encontra um lar. Seu sacrifício pela liberdade da comunidade reflete a resistência contra a mesma estrutura que anteriormente defendeu. Nesse sentido, Maura assume, no seriado, a função de mediação narrativa desempenhada por Sara nos quadrinhos; porém, ao contrário desta, alcança protagonismo pleno ao adotar sua persona *drag* como ato de insurgência. Nesse contexto, a arte *drag* se torna símbolo de resistência e reconfiguração política, como explica Louro: “Em sua ‘imitação’ do feminino, uma *drag queen* pode ser revolucionária. [...] A *drag* escancara a construtividade dos gêneros.” (Louro, 2004, p. 20). A exuberância das *drag queens* é, assim, essencial para a vitalidade do Perpétuo Cabaré — o coração pulsante de Danny — que afirma alegria e diferença contra a política de apagamento.

A Patrulha do Destino, como grupo de “heróis disfuncionais”, também se distingue das equipes tradicionais de super-heróis. Cada membro possui tensões profundas com sua própria corporeidade e subjetividade, sendo marcados por traumas e rejeição social: Cliff Steele (Homem-Robô), humano aprisionado em um corpo mecânico; Rebis, entidade intersexo gerada pela fusão forçada entre Larry Trainor, Eleanor Poole e o Espírito Negativo; e Crazy Jane, com suas 64 personalidades. Nos quadrinhos, sua relação com Danny é breve e marcada pela ruína do espaço; no entanto, na série, o vínculo afetivo é aprofundado, e a comunidade *queer* marginalizada ganha destaque narrativo. Em ambas as versões, contudo, Danny permanece símbolo inabalável de resistência e de acolhimento aos corpos e identidades fora da norma.

No seriado, mesmo desaparecido, Niles é a figura que conecta a Rua Danny à Patrulha do Destino. Danny envia um pedido de socorro a Niles, por meio de uma localização escrita em um bolo, o que leva a equipe a ir em busca de Danny na esperança de encontrar pistas sobre o paradeiro de Niles. A escolha de colocar Victor e Larry no centro dessa trama é significativa. Victor, ao passar por um processo disfórico devido às próteses robóticas implantadas em seu corpo, não consegue se ver nem como um homem, nem como uma máquina, sendo forçado a viver como ciborgue contra sua vontade e temendo que, um dia, a máquina assuma o controle de sua mente o tornando um

verdadeiro monstro. Ele vê em Danny um lugar de pertencimento, um refúgio a ser protegido.

No seriado, Niles Caulder conecta a Rua Danny à Patrulha. Um pedido de socorro — escrito em um bolo — leva Victor e Larry em busca da rua. A escolha dessas duas personagens no centro da ação é significativa. Victor vive uma relação tensa com seu corpo ciborgue, temendo perder sua autonomia humana em função das próteses; em Danny, encontra um horizonte de pertencimento e dignidade. Larry, por sua vez, desempenha duas funções cruciais: sua memória conecta o Departamento à narrativa atual, enquanto sua trajetória de aceitação pessoal — após anos de repressão de sua homossexualidade — demonstra que o enfrentamento dos traumas é condição para o florescimento do desejo. Sua performance no Perpétuo Cabaré ocorre apenas em sua imaginação, mas simboliza sua aspiração por liberdade e esperança: não apenas para si, mas para todos os que, como ele, ainda lutam para existir plenamente.

O palco da resistência: conflito, transformação e coragem

O confronto conclusivo assume um papel central na resolução da narrativa, exigindo uma análise atenta das reações das personagens diante da opressão. No capítulo 36, após Sara ser ferida, Danny se transporta para a casa de Darren Jones, permitindo que este percorra suas calçadas como se o ambiente inteiro estivesse à sua disposição. Com sua habitual arrogância, Darren tenta utilizar truques e manipulações para subjugar a Patrulha do Destino, mas é enredado na própria armadilha arquitetada por Danny. Contra sua vontade, transforma-se em uma *drag queen* — a personificação de tudo aquilo que, para ele, se encontra fora dos “regimes do normal” (Warner, 1993, p. xxvi). Portando uma aparência que desafia radicalmente sua identidade normativa, retorna ao seu mundo cotidiano e, ao ser visto pelo chefe, é imediatamente demitido.

A ironia desse desfecho é incisiva: em sua tentativa de controlar e reprimir corpos dissidentes, Darren é forçado a sentir o que significa ser percebido como “desajustado”, abjeto (Butler, 2000), integrante de uma “subclasse” (Bauman, 2005). Aquilo que combateu com tanto fervor converte-se em causa direta de sua ruína. Não se trata de mera comicidade ou caricatura: o

ato de “montar” Darren ressignifica o poder do camarim como espaço de transformação e subversão. Tanto nos quadrinhos quanto na série, o camarim se revela um palco de emancipação e resistência, tal como descreve Louro:

É no camarim que ela [a *drag queen*] se “monta”. A ‘montaria’ consiste na minuciosa e longa tarefa de transformação de seu corpo, um processo que supõe técnicas e truques [...]. É nesse momento que a *drag* efetivamente *incorpora*, que ela toma corpo, que ela se materializa e passa a existir como personagem. (Louro, 2004, p. 84).

A metamorfose imposta a Darren não deve ser lida como humilhação simplista, mas como inversão simbólica do poder. Se ele — ou seu chefe — a interpreta como degradação, é porque não percebe que ali se opera o repúdio da normalidade que tenta impor. Aquilo que Danny oferece é a possibilidade de transformação do corpo e da identidade, desestabilizando as lógicas binárias que fundamentam sua visão de mundo. Como lembra Derrida (2001, p. 48, grifos do autor): “[...] em uma oposição filosófica clássica, nós não estamos lidando com uma coexistência pacífica de um *face a face*, mas com uma hierarquia violenta. Um dos dois termos comanda (axiologicamente, logicamente etc.), ocupa o lugar mais alto.”. É o “normal” que comanda hierarquicamente, relegando o “anormal” à margem — e é justamente esse lugar subordinado que Danny transforma em potência insurgente.

Na adaptação televisiva, esse embate assume forte dimensão emocional. Maura, em desespero, considera retornar à vida anterior de agente para proteger Danny e seus moradores, acreditando que isso despistaria o Departamento. Contudo, Danny recusa continuar em fuga, o que simboliza a recusa coletiva ao apagamento identitário. Quando Darren invade a rua, encontra todos os moradores reunidos — uma resistência silenciosa, porém inabalável. Nesse instante, Maura ocupa o centro da cena, articulando uma resistência verbal e simbólica: “Não. Você não tem o direito de me dizer, nem a ninguém, quem somos. Tenho orgulho da pessoa que vejo no espelho. Meu rosto está impecável, meu visual está perfeito, e estou toda produzida da cabeça aos pés. A única coisa que não tenho é medo de você.” (Downs, 2019, tradução nossa⁸). A fala transforma o enfrentamento em manifesto de orgulho coletivo e

⁸ “No. You don’t get to tell me or anyone else who they are ever again. I am proud of the person I see in the mirror. My face is beat. My look is flawless, and I am dusted from head to toe. The only thing I am not is scare of you.” (Downs, 2019).

negação absoluta da opressão. A estratégia narrativa alinha-se à perspectiva de Butler e às lutas pela autonomia dos corpos dissidentes.

No auge do embate, Danny desloca-se para outro local, deixando Darren isolado e sem apoio — momento que desencadeia a redenção de Larry. Ele abandona a postura de vítima e coloca-se em luta por Danny e pelos *Dannyzens*. Esse gesto representa a coragem de encarar seu passado, superar a repressão internalizada e afirmar-se.

Com o conflito resolvido, a vibração festiva retorna à rua. A celebração, marca da vida em Danny, reafirma liberdade e existência plena. Victor segue determinado a encontrar Niles; Larry, agora fortalecido, encontra enfim coragem para cantar — seu gesto performático marca a libertação de quem, antes, mal ousava existir.

Tanto nos quadrinhos quanto na série, esse desfecho ultrapassa o enfrentamento a um antagonista individual: trata-se de vitória sobre forças que pretendem restringir identidades e sufocar liberdades. Humor, ironia e transformação convertem-se em ferramentas de crítica social, evocando a máxima latina “*Ridendo castigat mores.*” — corrige-se os costumes pelo riso. A narrativa expõe a fragilidade dos sistemas que sustentam a normalidade, demonstrando que a subversão pode desestabilizar até as estruturas aparentemente mais sólidas.

O camarim de Danny, assim, não é apenas um palco de metamorfose cômica, mas um espaço de insurgência: ali, celebra-se autenticidade e diversidade, e a luta contra o controle opressivo converte-se em festa. Ao afirmar que “O ‘normal’ não é nada além de um estado de espírito.” (Downs, 2019, tradução nossa⁹), Maura nos convoca a repensar criticamente nossas próprias narrativas normativas. Nesse sentido, a afirmação radical da “anormalidade” — ou da “abjeção” — emerge como arma legítima contra todos os dispositivos que tentam suprimir o direito à diferença.

Entre quadrinhos e tela: a estética da luta pela sobrevivência

Ambos — quadrinhos e série — partem de uma premissa comum: a perseguição daqueles que não se conformam à norma imposta por um grupo

⁹ “‘Normal’ ain’t nothing but a state of mind.” (Downs, 2019).

dominante, aqui simbolizado por homens brancos, cisgêneros e heterossexuais. Busca-se suprimir os direitos fundamentais de pessoas — e até de espaços, como a Rua Danny — de viverem de maneira autêntica e livre. Tal embate configura uma luta por sobrevivência que ultrapassa a dimensão física, refletindo a urgência de manter uma existência digna e significativa. Entretanto, essa luta não pode ser travada de forma solitária. Como lembra Butler (2024, p. 260), “[...] se algo ou alguém tenta tirar aquilo de que precisamos para viver, começamos a lutar pela sobrevivência, mas lutar sem companhia nunca leva ninguém muito longe.”. O alerta de Butler evidencia que a vulnerabilidade é constitutiva da condição humana, e que a continuidade da vida depende de infraestruturas e relações de apoio coletivo.

A Patrulha do Destino desempenha, nesse sentido, papel essencial em ambos os formatos. A equipe — formada por indivíduos marginalizados e fragmentados pelas violências do sistema — representa uma rede de solidariedade (Butler, 2015), onde sujeitos marcados pela exclusão encontram força para resistir. A história de luta é contada de maneiras distintas nos quadrinhos e na série, mas a mensagem permanece: ninguém sobrevive sozinho ao ataque das normatividades.

Nos quadrinhos, a estética surreal e os elementos grotescos reforçam a estranheza que constitui o mundo da Patrulha do Destino. Grant Morrison explora o bizarro como recurso crítico: os homens de N.O.W.H.E.R.E., com aparência quase artificial, ou a esposa de Darren Jones, cujo rosto é ocultado por óculos desumanizantes, intensificam o absurdo e o horror da opressão. O estranhamento visual funciona como metáfora da profunda desconexão desses sujeitos com uma sociedade que os rejeita. Já a adaptação televisiva, embora mantenha o tom excêntrico característico da obra, opta por uma humanização mais evidente. A aproximação estética com o real permite que o público identifique, com clareza, quem e o que tais personagens representam em nosso mundo. Os *flashbacks* são empregados para aprofundar o drama pessoal de cada figura, especialmente de Maura, cuja jornada de reencontro identitário produz forte impacto emocional.

Essas diferenças tornam-se perceptíveis também na caracterização de Darren Jones. Nos quadrinhos, ele surge como sujeito multifacetado — violento no espaço doméstico e autoritário no espaço público —, com traços que revelam sua psique distorcida. Na série, embora seu preconceito e obsessão permaneçam centrais, a personagem recebe menor complexidade,

aproximando-se de um vilão mais unidimensional. Em contrapartida, a série dedica maior atenção às motivações e ao passado dos membros da Patrulha do Destino, tornando mais tangível a relação de pertencimento e cuidado entre eles e os *Dannyzens* — vínculo menos desenvolvido nos capítulos analisados da HQ.

Assim, tanto os quadrinhos, escritos por Grant Morrison, quanto a adaptação televisiva dirigida por Dermott Downs convidam à reflexão sobre questões que ultrapassam o universo ficcional. Ambos assumem como ponto de partida a luta de sujeitos empurrados às margens, relegados ao silêncio. Ao ecoarem a fala de Maura no seriado, essas obras produzem visibilidade para aqueles cuja existência a norma tenta apagar. Por meio de distintas estratégias narrativas e estéticas, desafiam-nos a repensar o que significa pertencer, resistir e existir em um mundo que, muitas vezes, insiste em negar a diferença.

Palavras finais: a resistência contra a opressão e a celebração da diferença

A figura de Danny vai além de uma mera personagem peculiar; ela reflete, em metáforas densas, os desafios enfrentados por aqueles que se desviam das normas impostas por quem se considera detentor do poder sobre a vida alheia. Em seu cenário colorido e acolhedor, Danny torna-se o refúgio possível — aquele que tantas vezes falta nas experiências concretas de exclusão. Quando a Rua Danny é ameaçada de destruição, nossa empatia se acende, fazendo-nos desejar sua libertação. Como observa Butler, “[q]uando dizemos ‘quero ser livre’ ou ‘quero que você seja livre’, estamos falando sobre esses eus distintos, mas também sobre liberdades sociais que devem ser concedidas a todas as pessoas, desde que nenhum dano real seja causado.” (Butler, 2024, p. 268).

O Departamento da Normalidade e Darren Jones encarnam o conservadorismo extremo que busca anular qualquer traço que escape à sua visão estreita de “normalidade”. Essa normalidade, no entanto, não se constitui em verdade natural, mas em construção social destinada a assegurar o poder de um grupo específico. Tudo o que dela diverge torna-se alvo de perseguição. Assim, Danny é tratada como ameaça, da mesma forma que o gênero é demonizado e rotulado como “ideologia” responsável por um pânico moral infundado. O temor de Darren se torna explícito em discursos carregados de

ódio, como quando adverte Maura para não ser “infectada” por Danny e seus habitantes.

A forma como Danny reage à opressão convida à reflexão sobre as lutas por direitos. Seja pela via do humor — ao obrigar os opressores a vivenciarem a “anormalidade” que tanto temem — seja pelo discurso firme sobre aceitação e amor-próprio, sua potência simbólica reside justamente na recusa em ser apagada. Danny torna-se, assim, um ícone de resistência: um ideal de acolhimento para aqueles empurrados à margem, sinalizando um mundo em que a diferença é celebrada e não combatida. A narrativa de *Doom Patrol*, tanto nos quadrinhos quanto na adaptação televisiva, ecoa os debates contemporâneos sobre gênero, sexualidade e formas de violência social.

Por fim, a transformação de Maura Lee Karupt — de agente da opressão a defensora da liberdade — simboliza a possibilidade de empoderamento e mudança, trazendo à trama um gesto de esperança profundamente político. Sua trajetória reflete as lutas por equidade e inclusão e reinscreve o corpo e o desejo no centro da dignidade humana. A Rua Danny, enquanto metáfora viva, nos desafia a imaginar um futuro em que a diversidade não seja simplesmente tolerada, mas verdadeiramente celebrada.

Referências

BATISTA, Livia. Cis e trans: qual a diferença dos termos?. *Brasil de Direitos*, 2024. Disponível em: <https://www.brasildedireitos.org.br/atualidades/cis-e-trans-qual-a-diferenca-dos-terminos>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2024.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de C. A. Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’. In: LOURO, Guacira Lopes. (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-172.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 8. ed. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

BUTLER, Judith. *Quem tem medo do gênero?* 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2024.

DERRIDA, Jacques. *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: Ensaio sobre a Sexualidade e Teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MORRISON, Grant. *Doom Patrol*. Nova York: Editora DC, n. 35, 1990.

MORRISON, Grant. *Doom Patrol*. Nova York: Editora DC, n. 36, 1990.

DOOM Patrol: Temporada 1, ep. 8, Danny Patrol. Direção: Dermott Downs. Roteiro: Tom Farrell. Intérpretes: Brendan Fraser; Riley Shanahan; Matt Bomer; Matthew Zuk; April Bowlby; Diane Guerrero; Timothy Dalton; Joivan Wade; Alan Tudyk. Estados Unidos: Max, 2019.

MISKOLCI, Richard; CAMPENA, Maximiliano. Ideologia de Gênero: notas para a genealogia de um pânico contemporâneo. *Revista Sociedade e Estado*. p. 725-747, 2017.

PINHEIRO, Ester. Há 13 anos no topo da lista, Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo. *Brasil de Fato*. 23 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/01/23/ha-13-anos-no-topo-da-lista-brasil-continua-sendo-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo>. Acesso em: 16 de dezembro de 2023.

WARNER, Michael. (Ed.). *Fear of a Queer Planet: Queer Politics and Social Theory*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.

WARNER, Michael. Introduction. In: WARNER, Michael (Ed.). *Fear of a Queer Planet: Queer Politics and Social Theory*. Minneapolis: University of Minnesota Press, p. vii–xxxi, 1993.